



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E
EDUCAÇÃO A DISTANCIA CENTRO DE EDUCAÇÃO**

ROSINEIDE TOLEDO DE ALMEIDA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ANOS INICIAS**

**GUARABIRA – PB
2017**

ROSINEIDE TOLEDO DE ALMEIDA

O processo de construção da leitura e da escrita nos anos iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba como Requisito parcial Para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Luiz Hermínio do Nascimento

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447p Almeida, Rosineide Toledo de.
O processo de construção da leitura e da escrita nos anos iniciais [manuscrito] : / Rosineide Toledo de Almeida. - 2017.
42 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Guarabira, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Hermínio Nascimento, Departamento de Educação - CEDUC."

1. Construção da Leitura. 2. Aprendizagem. 3. Conhecimento.

21. ed. CDD 028.5

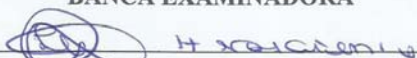
ROSINEIDE TOLEDO DE ALMEIDA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA
NOS ANOS INICIAS**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia-PARFOR.

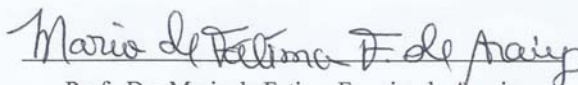
Data da avaliação: 17/11/2017

BANCA EXAMINADORA



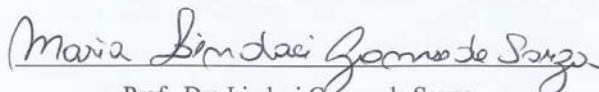
Prof. Dr. Luiz Herminio Nascimento

(Orientador)



Prof. Dra Maria de Fatima Ferreira de Araujo

(Examinadora)



Prof. Dra Lindaci Gomes de Souza

(Examinador)

GUARABIRA

2017

Dedico este trabalho a minha família
por todo apoio e compreensão que recebi
durante todo o curso
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por essa oportunidade de conhecimento e realização, ao meu professor e orientador Luiz Hermínio do Nascimento pela paciência e competência durante a ministração da disciplina e a orientação para o termino do curso, ao meu esposo Daniel Almeida pelas palavras de ânimo e incentivos que foram constantemente dirigidas, aos meus filhos Celina, Gabriel e Davi razão de minha conquista e vitória, ao meu pai Rildo e ao meu amigo Bolth pela colaboração inesquecível durante toda caminhada, aos colegas do Curso de Pedagogia e a todos os funcionários, que estiveram juntos nessa empreitada e por fim, a todos que direto ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho pudesse ser realizado.

“Herdando a experiência adquirida,
criando e recriando, integrando-se às
condições de seu contexto, respondendo
a seus desafios, objetivando-se a si
próprio, discernindo, transcendendo,
lança-se o homem num domínio
que é exclusivo – o da História e
Cultura.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O processo de construção da leitura e da escrita nos anos iniciais	11
1.1 O Aprender a Ler e a Escrever	14
1.2 A Leitura nos Contextos sociais	17
1.3 Os Traços de Escrita da Criança	20
2. Gestão	22
2.1 A importância da gestão e escola no processo da leitura e da escrita	26
3. Contribuições para o processo de construção da leitura e escrita	29
4. Considerações Finais	33
Referências	35
Anexos	36

RESUMO

O presente trabalho aborda o processo de construção da leitura e da escrita nos anos iniciais no ensino fundamental, demonstrando a importância de adquirir diariamente hábitos saudáveis de leitura e escrita. Verifica-se a influência do processo de mediação entre gestão e professor, do papel ético e comprometido da família e da escola para que os educandos desenvolvam as habilidades de leitura e escrita na construção do ensino-aprendizagem. O objetivo geral é analisar reflexivamente o processo de leitura e escrita, pois através da leitura e da escrita adquirem-se saberes e conhecimentos sociais, culturais, valores e experiências com o mundo e com os outros. O objetivo específico é aprofundar o entendimento sobre as dificuldades encontradas no processo de leitura e escrita por parte de professores e alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. O procedimento metodológico é de natureza qualitativa, desenvolvida através de pesquisa bibliográfica exploratória. Através dos resultados do assunto investigado, foi possível compreender, que há muitos desafios por parte da escola e dos educadores na busca de alfabetizar e letrá competentemente, como também, formar alunos leitores nos diversos contextos sociais. Nota-se que o despertar do gosto e o prazer pela escrita e leitura é um processo de construção no ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Processo, Construção, Aprendizagem e Conhecimento.

A B S T R A C T

The present work deals with the process of reading and writing construction in the initial years of elementary education, demonstrating the importance of acquiring healthy reading and writing habits daily. The influence of the process of mediation between management and teacher, the ethical and committed role of the family and the school is verified so that the students develop the skills of reading and writing in the construction of teaching-learning. The general objective is to reflect reflexively the process of reading and writing, as reading and writing acquire knowledge and social, cultural knowledge, values and experiences with the world and with others. The specific objective is to deepen the understanding of the difficulties found in the process of reading and writing by teachers and students in the initial years of elementary education. The methodological procedure is qualitative in nature, developed through exploratory bibliographic research. Through the results of the investigated subject, it was possible to understand that there are many challenges on the part of the school and the educators in the quest to literacy and letter competently, as well as to train students readers in the diverse social contexts. It is noted that the awakening of taste and pleasure in writing and reading is a process of construction in teaching-learning.

KEY WORDS: Process, Construction, Learning and Knowledge.

Introdução

Este trabalho de pesquisa tem sua apresentação de natureza qualitativa e com o objetivo de obter informação sobre o processo de construção da escrita e da leitura nos anos iniciais, como também, verificar as dificuldades encontradas no ensino-aprendizagem no contexto escolar é necessário refletir individualmente e coletivamente na busca de adequar práticas pedagógicas em favor das necessidades educacionais de cada aluno, sendo essas práticas modificadas, diferenciadas, e diversificadas onde o professor possa mediar e auxiliar seus alunos a superar as dificuldades da leitura e da escrita. A gestão escolar também deve oferecer recursos pedagógicos suficientes para suprir toda demanda de um ano letivo, assim amenizando os problemas encontrado no ambiente escolar.

Certamente, as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental apresentam dificuldades de leitura e escrita devido a uma série de motivos entre eles o de aspecto familiar, com isso prejudicando gradativamente o processo de ensino-aprendizagem, sabendo que a família deve estar em parceria com a escola ajudando o aluno na sua vida pessoal e social como um todo. Verifica-se também a importância da gestão escolar nesse processo de aprendizagem como um suporte necessário de construção na vida estudantil da criança.

A leitura e a escrita são os pilares que sustentam o aluno em sua caminhada estudantil e que o levam possivelmente a exercer seus direitos de cidadão, é a partir da aprendizagem em sala de aula que são formadas crianças capazes de interpretar um texto, elaborar uma redação ou mesmo fazer uma simples leitura, então assim a grande importância da escola, família e professor na vida do educando.

Por fim, as considerações finais, retomam sinteticamente as principais ideias apresentadas ao longo do trabalho com necessidade de ajudar ou esclarecer o que envolve a educação sabendo que a teoria sem a prática não se tem sucesso no objetivo almejado.

1. O processo de construção da leitura e da escrita nos anos iniciais

O processo de leitura e escrita são duas atividades interligadas, complexas, social, cultural e educativa. O processo de leitura e escrita no contexto escolar deve ser desenvolvido gradativamente e competentemente pelo professor, na busca de ensinar os educandos a utilizar-se da língua adequadamente.

Atualmente, percebe-se que as escolas ainda estão presas aos métodos tradicionais onde a criança é um mero objeto a ser moldado, no entanto, a literatura atual tem dado exemplos variados de forma como as crianças podem aprender. O construtivismo, teoria defendida por Piaget, onde o eixo principal do processo é mostrar a construção e o desenvolvimento por parte do discente, passando o educando a ser visto como um sujeito que constrói seu conhecimento, tornando-se capaz de agir sobre o mundo, transformando-o e, conseqüentemente, exercendo de forma plena sua cidadania. Segundo Ferreiro (2010, p. 110) ‘hoje a perspectiva construtiva considera a interação de todos eles, numa visão política integral para explicar a aprendizagem’.

Ao ingressar na escola, o aluno depara-se com uma diversidade de objetos culturais com os quais, muitas vezes não está acostumado, pois fazem parte de práticas sociais diversas daquelas que o grupo familiar cultiva. É função da escola promover situações de comunicação diferentes daquelas que ela habitualmente encontra. Ampliar o universo cultural e letrado dos alunos é dever de todo professor, pois é a partir da ampliação da visão de mundo que podemos mentalizá-los para que construam novas possibilidades de comunicação. “O objetivo da educação intelectual não é saber repetir verdades acabadas, é aprender por si próprio[...]” (Piaget, 1995, p. 69).

É preciso, portanto, criar situação que propiciem o desenvolvimento das capacidades de falar, escutar, ler e escrever de acordo com os diferentes usos dos contextos. Por exemplo, proporcionar aos alunos as oportunidades de participar adequadamente de conversas formais ou informais; de visitar lugares públicos portando-se segundo as regras sociais desses espaços coletivos; de ler e de escrever para poder se relacionar melhor com o mundo que os cerca. Essas ações que possibilitam a apropriação do saber letrado e a inserção no mundo de maneira mais eficiente.

Leitura e escrita na alfabetização. A escrita é um meio de comunicação criado e desenvolvido nas sociedades humanas, significa uma ferramenta de adaptação ao ambiente. Notadamente, fica evidenciado que sobreviver dentro do contexto atual significa acima de qualquer coisa se comunicar, logo, a escrita é uma das formas de comunicação extremamente

importante. Segundo Ferreiro (2010), a importância da escrita é devido ao papel que ela desempenha nas relações construídas no cotidiano.

Ter vez à palavra escrita é uma forma de partilhar do poder social, não se pode estabelecer entre leitura e escrita uma relação automática, de causa e consequência imediata e inevitável, segundo pensam alguns: se alguém lê, escreve bem. A leitura constrói uma das condições que propiciam o sucesso da escrita não de uma forma mecânica, não existe uma relação milagrosa ou mágica entre uma coisa ou outra ou seja não podemos alimentar o simplismo de quem lê, necessariamente, escreve bem, A competência em escrita é do mesmo modo que todas as outras, resultados, refletida, num processo de crescente aprimoramento, ler para escrever bem.

No entanto, não podemos negar que a leitura também constitui um meio de acesso as formas particulares e específicas de escrever. A maior evidência principalmente para quem lê é a de que não se escreve e não se fala absolutamente do mesmo jeito, embora se use a mesma língua e, em princípio, possam estar em jogo as mesmas pretensões interativas. Na escrita, no entanto, normalmente, a recepção do material textual é adiada, pois falta aquela presença simultânea dos interlocutores, que, assim não ocupam ao mesmo tempo, o mesmo espaço.

A leitura e a escrita é fundamental na educação da pessoa para a afetividade, para o desenvolvimento da sensibilidade ler textos possibilita o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza a leitura deve acontecer simplesmente pelo prazer e apreciação dos sentidos das palavras.

Os insucessos na aquisição da leitura e da escrita movem educadores a procura de alternativas pedagógicas que propiciem o êxito na aprendizagem, uma vez que cabe a escola ensinar as crianças a ler e a escrever. Compreender a leitura dessa forma é privilegiar a decifração das letras ou das palavras; é entender que a criança não necessita antes aprender a ler e a escrever para depois ler e escrever.

Ler não consiste em combinar letras e sílabas [...], pois [...] para ler não se trata de primeiro, fotografar e memorizar formas (letras, sílabas) para depois combiná-las e mais tarde compreender o que se está lendo. Ler é buscar ativamente um significado de um texto, em relação com suas necessidades, interesses e projetos. (Jolibert, 2004: 11-17).

É necessário propiciar aos alunos da rede pública de ensino uma educação que contribua para a construção das habilidades e competências de leitura, a fim de possibilitar a formação do leitor e do produtor de texto, ou seja, do leitor ativo, que busca o sentido do texto

ao leitor passivo que se fixa apenas em sua decodificação. Propiciar a criança o ler e escrever para valer, ou seja, propiciar-lhe a busca do sentido do texto lido, e não a levar a cumprir tarefas propostas pelo professor com base em hipóteses e suposições originadas das necessidades dele.

A escola, assim como a família, são agentes especiais no processo de ensino aprendizagem tem que andarem juntas, tem que rever os conflitos e usar estratégias que garantam uma posição já firmada e que defenda os interesses das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Na escola, o que acontece é um ocultamento dessa variabilidade que é constitutiva do relacionamento com a leitura e a escrita em diferentes grupos sociais: pretende-se que predomine aí o estilo comunicativo que é culturalmente valorizado.

Muito embora o trabalho com a palavra escrita não esteja mudando muito na escola dos dias de hoje, e concepções tradicionais de ensino e aprendizagem da leitura e escrita sejam ainda privilegiadas, a crise da leitura e da escrita é proclamada: há a percepção de que os resultados da aprendizagem da palavra escrita na escola não são os esperados. A escola, seja revestida pela máscara de formadora de sujeito ou de autoridade competente para a reprodução dos conhecimentos dominantes, não tem alcançados seus objetivos.

O valor prático e futuro da leitura e da escrita sobretudo na leitura, pelo papel passivo que se atribui as crianças acaba negligenciando os valores e funções mais imediatos e atuais para a vida e o desenvolvimento delas, enquanto a crianças. E os objetivos mais momentâneos são os que mostram alguma eficácia para leva-las a se integrarem no processo de escolarização.

O importante é caracterizar o próprio espaço da sala de aula como um ambiente de cooperação recíproca: dar lugar de direito de fato as trocas mutuas de informação e de opinião. Mas o trabalho cooperativo, quando se integra aos hábitos sociais das crianças, não se confunde com uma exibição de liderança: transforma-se em um exercício de partilha que abre espaço, em círculos menores com participação de todos.

É a escola que tem o dever de formar leitores. Professores e professoras, alunos e alunas tem o direito de ler e de escrever, tem o direito de gostar e de não gostar de ler. Precisam, pois, de acesso a textos dos mais diferentes tipos e a práticas reais de leitura e escrita, práticas revestidas de significado e que se consolidem como experiências efetivas, e não como meros exercícios para prestar contas a contabilidade escolar e suas exigências burocráticas.

1.1 O aprender a ler e escrever.

O conceito de leitura tem uma relação com o processo de letramento, que tem como pressuposto o processo de ensino aprendizagem do uso da tecnologia da língua escrita. A leitura é uma porta aberta para o mundo, através dela o leitor constrói o seu conhecimento tornando-se um ser crítico capaz de atuar na sociedade em que vive e modifica-a. Diante do que foi exposto, a criança poderá usar o recurso da língua escrita em momentos de falar, mesmo antes de ser alfabetizada. A firma os Parâmetros Curriculares Nacionais “A leitura é um processo no qual leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor de tudo que sabe a linguagem” (Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998 p. 69).

O que é ler?

Segundo Solé (1998, p. 22), “é um processo de interação entre leitor e o texto”. Neste processo deve-se desenvolver a compreensão, a interpretação e a produção, uma vez que essa interação deve criar vínculos com a capacidade crítica de perceber os simples detalhes e saber analisa-los plausivelmente. A leitura é um processo no qual o aluno realiza um trabalho ativo de concentração do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento em que a informação que ele proporciona seja complexa e inovadora ao leitor.

O que é escrever?

A escrita não é um código que simplesmente transpõe graficamente as unidades sonoras mínimas da fala (Os fonemas), mas um sistema de representação escrita, notação dos segmentos sonoros da fala (FERREIRO, 1995; MORAIS 2005).

Trata-se, portanto de uma nova construção de conceito e não de uma aprendizagem de consolidação da escrita, mas de um conhecimento de correspondências som-grafia, com o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, que consiste na capacidade de refletir sobre as unidades das palavras e de manipula-las de modo intencional. Trata-se do conhecer bem as palavras, e esse conhecer perpassa também, pela compreensão cognitiva e depois pela repetição Fonético-escrita, que se fortalecem mutuamente, em especial no exercício da leitura e da escrita.

A prática da escrita por parte da criança, em especial, por parte dos alunos dos anos iniciais, deve ser uma constante no planejamento e nas atividades recorrentes dessa área, a exercitação através da redação e de outras formas de trabalhos escritos, pode ajudar em muito a formar bons escritores, com a capacidade de expressar-se com coerência e sem inibição. Tal tarefa deve ser cultivada em especial no âmbito escolar, e é por isso um grande desafio, pois, uma escrita coerente e coesa é mais do que necessária, uma vez que estar (escrita) é um dos mecanismos mais cobrados em diversas ciências, fazendo com que o exercício da escrita seja usado das mais variadas formas.

Segundo Goulart (2002, p. 52), Podemos entender tal relevância no sentido da participação crítica nas práticas sociais que envolvem a escrita, mas também no sentido de considerar o diálogo entre os conhecimentos da vida cotidiana, constitutivos de nossa identidade cultural primeira, com os conhecimentos de formas mais elaboradas de explicar aspectos da realidade.

Na diretrizes e bases da Ed. Nacional (Lei Federal nº.9.394), aprovada em 20 de Dezembro de 1996, consolida e amplia o dever do poder público para com a educação em geral e em particular para com o ensino Fundamental. Assim, vê-se no art. 23 dessa lei que a educação básica, da qual o ensino fundamental é parte integrante, deve assegurar a todos a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornece-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, fato que confere ao ensino fundamental, ao mesmo tempo, um caráter de terminações e de continuidade.

A função da Escola vem se ampliando a medida que o direito da educação se alarga, considerando as individualidades e subjetividades, na perspectiva que busca formar sujeito comprometidos eticamente com a justiça, a solidariedade, a paz. Mas considerar essa aprendizagem relativas aos valores éticos não implica desconsiderar os conteúdos escolares.

Sabe-se que o ensino-aprendizagem escolar é considerado um processo natural por parte da sociedade, principalmente por aqueles que estão inseridos no contexto escolar diariamente, porém, muitos alunos em fase de escolarização apresentam amplas dificuldades em compreender concretamente o processo de leitura e escrita nos anos iniciais. Em relação as dificuldades na aprendizagem dos discentes, Vitor da Fonseca (1995, p. 35) descreve:

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura e da escrita e do raciocínio matemático.

As dificuldades que os alunos apresentam em sala de aula em relação à leitura e a escrita, não devem jamais ser julgados sem uma análise reflexiva sobre a vida cotidiana dos

educandos. Nesse contexto, verifica-se que é importante primeiramente, analisar a realidade externa e interna dos alunos inseridos no ambiente escolar, pois, é necessário conhecer realmente a vida, os sentimentos, a rotina e a família dos alunos que chegam até a escola e que apresentam tais dificuldades de aprendizagem.

A escola, juntamente com seus educadores, e a comunidade escolar, tem que saber trabalhar de modo inclusivo, isto é, desempenhar trabalhos em grupos e adequar recursos concretos à prática da leitura, da escrita, e das necessidades dos alunos, a fim de refletir suas diversas culturas e realidades, como também, valorizar as ideias dos alunos, suas experiências, a bagagem vivida por eles e o que os mesmos já obtêm de saberes e conhecimentos, isso é, oferecer oportunidades concretas aos alunos, onde os mesmos possam falar abertamente, e também, expor suas opiniões sobre os mais diversos assuntos. Hila (1999), explica-nos essas condições: “Ter o que dizer” diz respeito a experiência daquilo que a criança viveu, ou seja, o ponto de partida para toda a reflexão do aluno deve ser as experiências por ele trazidas, suas ansiedades e vivências. É fundamental que, ao propor uma proposta de escrita se parta de conhecimentos já existentes nas crianças. Por exemplo, se em uma atividade de produção solicita-se a criança que elabore uma receita, na sala de aula o professor já deve ter trabalhado atividades de leitura e escrita que envolva esse gênero. Dessa forma, o aluno precisa sentir que escrever seja algo importante, em que experiência do vivido passe a ser objeto inicial de reflexão na escola. “o vivido é, portanto, o ponto de partida para a reflexão” (GERALDI, 1993, p. 163).

A escola é o ambiente onde a criança tem oportunidade de se desenvolver fisicamente e intelectualmente, pois é no contexto escolar que a criança aprende a conviver e a respeitar as diferenças, como também, ampliar conhecimentos através do contato com a diversidade cultural, social e com uma variedade de materiais concretos, para fazer bom uso da leitura e da escrita, como, (livros, gibis, cadernos, mural de leitura, dicionários, entre outros).

Se num primeiro momento de sua existência a criança aprende e se situa no mundo através da atribuição de significados a pessoas, objetos e situações presentes no seu ambiente familiar, então podem inferir que esse mesmo ambiente deve ser potencialmente significativo em termos de livros, leitores e leitura. (SILVA, 1988, p. 56)

Além da diversidade linguística, as crianças em processo de alfabetização e letramento, irão se deparar com as diferenças entre as duas formas da língua, (a língua falada e a língua escrita convencional). No entanto, no processo da língua falada e da língua escrita, é importante ressaltar, que o professor precisará ter competências ampliadas para promover

reflexão e consciência nos alunos, como também, deixar claro para os mesmos que a língua falada, jamais será igual à língua escrita.

O professor dos anos iniciais deve ter conhecimento dos aspectos fônicos da língua portuguesa para poder ajudar a criança a refletir sobre sua língua falada e sua complexa relação com a língua escrita. Isso exige do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades possam ser minimizadas (SIMÕES, 2006, p.16).

É fato, que no início do processo de ensino-aprendizagem a criança precisará de uma atenção especial, de uma mediação redobrada e de uma orientação de como começar e quais os movimentos necessários para a escrita e a soletração de cada letra e de cada palavra. Com certeza, a criança que apresenta dificuldades de memória sinestésica não se lembrará da forma do traçado das letras numa escrita espontânea ou um ditado e copiará com lentidão, escrevendo as letras de forma isolada.

A linguagem oral deve ser bem trabalhada em sala de aula para que o vocabulário da criança possa ser ampliado gradativamente e corretamente. Caso esse processo não seja bem desenvolvido, o indivíduo poderá não adquirir um bom repertório verbal podendo assim apresentar problemas de compreensão de texto.

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis a manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo depende de a escola ensinar-lhes os usos da língua adequando a diferentes situações comunicativas. (PCN, 1997, p. 38).

O letramento, está vinculado ao conjunto de práticas discursivas, formadas de usar a linguagem e fazer retirar sentido pela fala e pela escrita, que se relacionam a visão de mundo das comunidades, suas crenças e valores particulares. A escola passa a ser vista, então como um espaço institucional em que convivem indivíduos provenientes de diferentes comunidades, e por isso detentores de práticas discursivas e sociais diversificadas, que não são unicamente aquelas das classes dominantes: todo processo de aquisição de linguagem, que inclui o acesso aos textos escritos em sociedades como as nossas, é compreendido como parte do processo de socialização.

1.2 A leitura nos contextos sociais

Em primeiro lugar, a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação.

Na verdade, pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Ou seja, pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo.

A concepção de leitura que consta nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental diz que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que o sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, descodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (1998, p.69).

A leitura expressa, dessa forma, o respeito ao princípio democrático de que todos tem direito a informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não.

Tal acesso a informação representa, sobretudo, o exercício da partilha do poder, o qual acontece muito precariamente sem a correspondente partilha do acesso a escrita. Basta pensar em todas as oportunidades das quais os não leitores são excluídos: o analfabeto pleno, o analfabeto funcional, isto é, o alfabetizado afastado da prática da leitura. Todos esses não-leitores são, preferencialmente, candidatos a estarem, de maneira mais ou menos profunda, imersos no mundo, de cabeça encoberta, sem olhos para ver determinados tipos de objetos. Sem saber muito do que se passa a volta de si, costumam ter apenas restritas possibilidades de poderem intervir no curso de suas vidas e dos grupos em que atuam.

Só o homem emerso, de cabeça para fora, na visão de Paulo Freire, é capaz de vir a tona, olhar em volta, perceber o entorno. A leitura nos dá esse poder de enxergar e perceber o que nos circunda, a fim de, como cidadãos, assumirmos nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos.

Nesse sentido, lembramos a grande oportunidade que a escola pode oferecer pela confluência multidisciplinar da leitura programada. Sabemos quanto os livros didáticos vinculados a todas as áreas do estudo escolar- além daqueles em torno da linguagem- podem constituir um encontro bastante significativo do aluno com um grande contingente de novas informações. É bom lembrar que a pobreza de informação, de ideias, que o fato de não ter o que dizer sobre determinado tema, afinal, são problemas que só se resolvem com a ampliação de nosso repertório de informação com a capacidade de, criatividade, ler, ouvir, refletir, tirar conclusões, estabelecer relações entre os fatos.

Em suma em termos bem prosaicos, podemos lembrar o óbvio: ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testada, ou dos planos e projetos.

A leitura é uma espécie de porta de entrada; isto é uma via de acesso a palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. A leitura, na sua perspectiva informativa, exercer o grande papel de favorecer a ampliação e o aprofundamento de nossos conhecimentos que vamos construindo.

Não se nasce com o gosto pela leitura, do mesmo modo que não se nasce com o gosto por coisa nenhuma. O ato de ler não é, pois, uma habilidade inata se isto é verdadeiro para aquela leitura informativa e formativa, é um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido.

A leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento para manejo das outras fases do currículo (...) a ênfase está em aprender a ler para aprender. Na series fundamentais, a aprendizagem do código dentro de contextos significativos para a criança é de grande importância. (ALIENDE, 2005. p.13).

Sabendo que a leitura é uma conquista social, a qual está presente no planeta todos os dias e toda horas, desde o momento em que começamos a compreender as primeiras letras e á conhecer o mundo que nos rodeia por meio da leitura. Analisa-se, que realização de leitura de textos literários para as crianças, desperta nas mesma os sentimentos mais profundos, singelos e sinceros, como também , o interesse pelo aprendizado, pelo enredo, pela fantasia, pelo desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da criatividade, da expressão de ideias, do prazer pela leitura e pela escrita de forma concreta, oportunizando situações significativas, nas

quais as crianças passam a interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o desenvolvimento de forma gradativa e qualitativa nos diversos contextos sociais.

No decorrer dos séculos, a escola transformou um objeto social, a escrita, em objeto exclusivamente escolar, ocultando suas funções extra escolares, precisamente aquelas da linguagem. É imperioso, mas nada fácil, restabelecer, no nível das práticas escolares, uma verdade elementar: a escrita é importante na escola porque é importante fora dela.

A leitura, como busca de sentido, é um preciso instrumento no processo de produção do conhecimento por propiciar o contato do leitor com diferentes formas de viver e compreender a leitura de mundo.

São vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento da língua.

1.3 Os traços de escrita da criança

As crianças nascem em um mundo em que existe uma extraordinária profusão de letras, presentes em vários materiais que fazem parte de diferentes contextos socioculturais: jornais, revistas, livros entre outros. Se acompanharmos o desenvolvimento das crianças, podemos observar que, ainda muito pequenas, elas já apresentam um interesse crescente para a aprendizagem das letras, principalmente aquelas relacionadas às letras do seu nome, dos seus familiares e dos seus coleguinhas.

Estimular as crianças logo cedo a fazerem os primeiros traços deve ter uma contribuição em conjunto da família, assim começa a crianças começam a ser despertadas para a existência de traços, linhas, cores e letras relacionando seus traços a primeira escrita. Relacionar a letra ao conhecimento das palavras é um processo de construção e conquista da criança nos anos iniciais do ensino fundamental. Produzir a escrita a criança terá, portanto, que lidar de forma interativa de modo a construir uma unidade intelectual. Esse processo se

constituir realmente quando a professora se propõe criar um espaço de mútua colaboração e comunicação.

A escrita da criança é a mais importante em todo o processo escolar, pois é o início da conquista pelas primeiras letras e pelas primeiras palavras escritas, desde então, a escrita deve ser apresentada a criança com certos cuidados, isto é, apresentar a escrita de forma divertida e dinâmica, para que as crianças despertem o interesse e o gosto pelo que irão aprender. A escrita deve ser ensinada com comprometimento ético, com sentido e reflexão sobre a prática pedagógica em si, e a realidade dos alunos inseridos no contexto educacional, ensinando-os através de signos e não de sinais.

Através de rabiscos, a escrita muitas vezes é considerada errada e sem lógica pelos profissionais da educação nos anos iniciais do ensino fundamental, mas observa-se, que esse processo deveria ser mais refletido, dialogado e desenvolvido competentemente por toda a equipe escolar, pois a mesma é um processo lento e significativo para todos os envolvidos.” O aluno não comete erros de maneira irrefletida, mas justamente o contrário: todos os enganos demonstram um uso inadequado de recursos possíveis do próprio sistema ortográfico de escrita”. (CAGLIARI, 2002, p. 124).

Se o professor compreender que o aluno aprende melhor o que mais lhe interessa, perceberá que, num primeiro momento de aprendizagem da escrita, é mais importante que a criança se expresse do que escreva. Assim, pontuação e ortografia são trabalhadas gradativamente, visto que a introdução a norma culta ocorre paralelamente a capacidade de criação (FERREIRO 1993).

Para Ferreiro (1998), a alfabetização precisa ser considerada como um processo ativo de construção da língua e do conhecimento. Quando a criança erra está testando hipóteses, experimentando é o que acontece nos textos espontâneos, nos quais a escrita e a leitura tem grande significado para criança essa construção de orientar toda pratica de aprendizado na interação das crianças entorno; na interação com elas entre elas.

Em todo o processo educacional, é preciso que o professor tenha consciência e clareza do que está ensinado, de modo a levar o aluno a refletir positivamente sobre o conhecimento apresentado. É importante acrescentar, que o processo de mediação do professor é muito significativo, ainda mais quando se trata dos anos iniciais e de alunos em processo de leitura e escrita, onde o trabalho tem que ser mediado em dobro, pois é o início da vida da criança no texto escolar, da fase do ensino-aprendizagem e da aquisição da linguagem formal.

A escrita precisa ser apresentada a criança com um instrumento que tem uma função social: a função de expressar ou comunicar, ideias e sentimentos, ou seja, é um equívoco

pensa que o ensino dos aspectos técnicos da escrita para a criança permite-lhe aprender a escrever e ler conforme requer o uso da escrita nas diversas situações sociais em que é utilizada. (VYGOTSKI, 2001, p. 156).

É necessário que o professor esteja atento ao desenvolver sua prática de ensino, que seja de forma lúdica e qualitativa que tenha postura ética, tanto na teoria, como na sua prática educativa. A teoria e a prática da leitura e da escrita devem estar interligadas, pois, precisar-se das duas ações práticas, sendo que não podem deixar a teoria ou a prática educativa de lado, nem muito menos falarmos da teoria literária e não praticá-la eticamente no contexto escolar, ambas são importantes para desenvolver um processo de leitura e escrita de qualidade.

A escrita é representada por marcas em um espaço. É uma atividade percebida pela visão, possuindo, ainda, maior durabilidade e exigindo maior precisão que a fala, pois há a necessidade de que as indicações para a boa compreensão do texto baseiem-se unicamente na expressão escrita, por sua característica de durabilidade, é maior conservadora que a modalidade oral, até porque a escrita está organizada em torno de variantes padrão. A escrita é também usada como documento, e por isso liga-se diretamente ao poder econômico das sociedades.

Portanto, a necessidade de acompanhar cada uma das crianças para que se habituem a traçar cada letra, de modo mais conveniente para uma escrita fluente e sucessiva. O traçado correto nesse caso, é o traçado que mais lhe facilite os movimentos da escrita continua. A necessidade de estar disponível para o encontro de uma palavra, para orientar uma transformação positiva no uso social do letramento.

A presença necessária da dimensão do gosto, de formar pessoas leitoras que não tem medo ou vergonha de escrever, é, assim uma das condições do processo de humanização e de efetiva garantia de mais esse direito social: ler e escrever, direito que só conseguiremos conquistar plenamente e para todos com uma política de cultura.

No trabalho com os diferentes tipos de letras precisamos considerar, portanto, dois aspectos: os usos efetivos dessas letras na dimensão do letramento e dos usos sociais da linguagem; e no desenvolvimento cognitivo das crianças em relação a apropriação da escrita alfabética. Em relação ao primeiro aspecto, a diversidade de formar de se grafar as letras pode ser trabalhada na escola por meio da leitura e escrita de diferentes textos, em diferentes suportes.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo dos alunos e a capacidade de identificarem e grafarem as letras em suas diferentes formas, precisamos considerar que ao

traçar as letras é preciso compreender e memorizar suas formas, por meio de atividade que apresente a estabilidade das letras.

2. Gestão

A gestão escolar tem a função de administrar e organizar o ambiente escolar de formar legal com isso o gestor escolar tem a responsabilidade de manter a ordem e o equilíbrio do ambiente escolar, com a ajuda dos demais funcionários, família e comunidade o processo de aprendizagem e o espaço escolar, ganha forma e qualidade. Grande estudiosos tem suas teorias sobre esse assunto é bom saber que para Libaneo e Luck gestão é:

Para Libaneo, a gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnicos-administrativos. Gestão é a atividade que põe em ação o sistema organizacional.

Segundo Luck, é o ato de gerir a dinâmica cultural da escola, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implantação de seu projeto político-pedagógico e comprometido com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo de participação e compartilhamento e auto controle.

Está previsto na Lei. 9.394/96 (BRASIL, 1996), que as escolas possuem autonomia para atender as particularidades regionais e locais de seus alunos, no entanto precisam respeitar as normas comuns do sistema de ensino, onde a mesma menciona o modelo democrático e participativo da administração escolar, modelo este que caracteriza a gestão educacional.

É com a gestão escolar que a escola se movimenta, pois ela é a cabeça e as crianças o coração, toda responsabilidade de um bom funcionamento na instituição de ensino de deve ao bom desempenho do gestor e sua equipe de trabalho a conquista e vitória de um aluno ao ser alfabetizado e letrado depende de como se dar a distribuição dos recursos financeiros e como ele é dividido para melhor atender toda a escola sem haver prejuízo no processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito a gestão da escola pública, mudanças importantes ocorreram no campo educacional nas últimas décadas, sobretudo em relação aos marcos legais, a sistemática de financiamento, ao processo de gestão dos sistemas de ensino e a ampliação do

acesso a escola (PINTO,2007). O direito a educação escolar se constitui como dimensão fundante da cidadania, estando reconhecido em diversos documentos de caráter nacional e internacional (CURY,2007).

Com a criação de instrumentos institucionais propulsores da participação (eleição direta para escolha do diretor, instalação de concelhos deliberativo e o projeto político pedagógico) dessa maneira a escola tem liberdade e autonomia de realizar seu próprio processo de organização e aprendizagem no espaço escolar.

É do diretor da escola a responsabilidade máxima quanto a consecução eficaz da política educacional do sistema e desenvolvimento pleno dos objetivos educacionais, organizando, dinamizando e coordenando todos os esforços nesse sentido e controlando todos os recursos para tal. Devido sua posição central na escola, o desempenho de seu papel exercer forte influência (tanto positiva, como negativa) sobre todos os setores pessoais da escola. (LUCK, 2004, p. 32)

Não deveria parecer estranho nem perda de tempo que a escola destinasse grande parte de seus horários a leitura e a escrita, a escola é lugar de leitura e escrita. Assim como a igreja é lugar de oração, e o estádio é lugar de jogo. O que deveria parecer muito estranho é que a escola não priorize a leitura e a escrita e que não seja ela a assumir a promoção do gosto pelos livros, pela informação escrita, pela produção literária. A escola deve ser uma sede daquele letramento, o ambiente natural em que os alunos mergulharam no mundo das linguagens escritas.

Entender que a família é fundamental no desenvolvimento do estudante nos anos de educação básica e que, todo o ensino e aprendizagem precisam desenvolver no contexto social do qual crianças e comunidade são membros constitutivos, é compreender o cerne da escola democrática. Isto porque, os mecanismos que precisam ser ativados para a plena participação e efetivação da escola democrática passam pela consolidação da educação como um direito e da escola como espaço para a concretização desse fim.

Ferreira (2000) entender a gestão democrática como a possibilidade de consubstanciação de um valor historicamente universal em realidade, permitindo aos seres humanos que se desenvolvam fortes intelectualmente, ajustados emocionalmente, capazes tecnicamente e rico caráter. Neste termo, reafirma o entendimento de que, mais que uma participação ampliada, a gestão democrática precisa também um mecanismo de mediação que permita a escola construir, conscientemente, as bases que fundamentam o desenvolvimento e a qualidade social.

A educação é o arrimo de um estado democrático que busca fazer valer os direitos e deveres ao qual um indivíduo está sujeito em relação a sociedade em que vive. Portanto, a cidadania só pode ser legitimada quando há a prática dela e está por sua vez, só pode ser alcançada quando há uma preparação social que se inicia na escola.

Cada escola e seu respectivo gestor implementam suas ações em parceria com as secretarias de educação estadual ou municipal, e estas por sua vez, alinhadas as propostas federais planejam as suas propostas públicas. As escolas públicas, atualmente possuem autonomia para planejar suas ações e seu orçamento a partir de um sistema integrado disponibilizado pelo governo federal, levando em conta as suas especificidades, necessidades e PDE nacional. Porém, essas ações só são efetivadas se as Secretarias de Educação aderirem a tais propostas porque essas ações precisam ser integradas.

Percebe a responsabilidade do gestor escolar no seu fazer diário. O foco de todo o trabalho do gestor é o aluno, ou seja, o produto final de todo o planejamento é o resultado apresentado pelos alunos. Para isso o alinhamento das propostas deve estar em consonância com os planos das instâncias superiores e somar esforços para se alcançar os objetivos e metas definidas. Assim, o planejamento da educação escolar, PPP e PDE (atualmente de forma interativa- PDE Interativo) para ser eficaz, deve considerar a implementação de ações práticas.

A partir da década de 1980, de acordo com Luck (2000), tiveram início várias mudanças na área educacional, seguindo alterações que se processavam no campo político, devido a uma busca por descentralização e democratização da gestão nas escolas. Essas mudanças acompanharam um movimento de luta da classe trabalhadora pelo direito de acesso dos seus filhos a escola pública e pelas queixas frequentes quanto a falta de vagas, altas taxas de reprovação e o abandono escolar. No mesmo sentido, os professores começam a melhor se organizar a constituir-se em sindicatos na tentativa de conquistarem planos de cargos e salários, valorização da profissão e capacitação.

Percebe que a abertura democrática no Brasil e os anseios da população por maiores espaços de participação alcançaram o sistema escolar, gerando demandas que desafiavam modelo tradicional. As pressões por uma gestão educacional mais democrática, com participação de todos os atores na construção da organização, intensificada e resultaram nas eleições de diretores escolares passassem de espectadores para figuras ativas no processo de formulação e gestão da política educacional, visto que passavam a assumir função no processo de tomada de decisão.

Para a consolidação desse modelo de gestão democrática cabe destacar o papel da Constituição de 1988 (especialmente de seu artigo 206, inciso VI) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação- Lei nº 9.394, de 1996 (especialmente de seu artigo 14). Tais instrumentos normativos concebem, em síntese, a educação como um direito público, acessível a todos indistintamente, e dever do Estado e da família, a ser promovida e incentivada em parceria e colaboração com a sociedade, de modo que Estado e sociedade compartilhem responsabilidades tanto em relação aos direitos quanto aos deveres (LIMA, 2001, p. 47).

O gestor assim, proporcionará um relacionamento transparente entre escola e a comunidade, pois a participação e integração não dependem somente da abertura que o corpo diretivo proporciona, mas, principalmente da conscientização de todos os envolvidos sobre a necessidade e importância desta participação e integração.

No passado, o ambiente escolar tinha como modelo uma gestão estática, cujas obrigações restringiam-se a comandar, fazer cumprir ordens que vinham de instâncias superiores, controlar e supervisionar o trabalho dos funcionários. O sustentáculo desse modelo hegemônico era o de que todos os atores imersos no ambiente escolar alunos, professores, diretores deveriam sujeitar as regras estabelecidas pelo órgão superior e agir conforme tais determinações, sob pena de serem dele banidos. Segundo essa concepção, em linhas gerais, seria dever do Estado prover educação; dever dos diretores impor autoridade e colocar pessoas e recursos de forma a alcançar os seus objetivos.

2.1 A importância da gestão e escola no processo da leitura e da escrita.

A escola tem sido, ao longo das décadas, uma instância que desempenha uma multiplicidade de papéis que há muito extrapolam suas funções clássicas. Em outras palavras, a escola, do ponto de vista institucional, não é um espaço exclusivo para a aplicação de políticas curriculares, de formação de professores ou de melhoria da aprendizagem ou da qualidade do ensino. Pelo contrário, tem-se atribuído a essa instituição e a seus profissionais um conjunto de ações e rotinas vinculadas às políticas sociais que, de alguma forma, atravessam a escola e influenciam o cotidiano escolar.

A leitura e a escrita nos anos iniciais é uma conquista de toda escola quando uma criança desperta para esse novo em sua vida, a escola com toda sua equipe teve uma contribuição importante para esse novo horizonte. A criança é o ponto principal que faz toda a

escola se movimentar em favor dela e a gestão com todo seu atributo deve dar todo o suporte necessário para o despertar da leitura e da escrita.

No que se refere ao processo de implementação de políticas públicas que atravessam a escola, na perspectiva da burocracia governamental, os integrantes das instituições escolares emergem como atores estratégicos. Os profissionais da escola diretores, equipe pedagógica, professores e equipe administrativa são os agentes públicos que, em maior ou menor grau, traduzirão e implementarão as políticas públicas desenhadas no nível estratégico pelos diversos governos. É nesse espaço institucional que a escola tem seu papel ampliado e revelado mais do que espaços educacionais e educativos, são espaços políticos em que em que diversos aspectos da burocracia estatal são revelados.

É comum no ambiente educacional de nossa sociedade, que ainda atua restringida por uma tendência centralizadora, que se observe a dificuldade dos gestores em promover a criação de um ambiente participativo. Os alunos, professores, pais e funcionários não percebem, na maior parte das vezes, a necessidade de estarem envolvidos juntamente com o diretor no processo de construção e desenvolvimento do ambiente escolar. Essa falta de percepção acarreta a desestabilização da ordem diretiva e gera dificuldades para o cumprimento das funções de todos os envolvidos com o processo de educação, o que, por fim causa problemas no desenvolvimento educacional e também social dos estudantes.

Ser gestor de uma escola pública, hoje, é ter em mente que suas ações não serão tomadas sozinhas, mas em conjunto com todos os que fazem parte da comunidade escolar na qual a instituição está inserida. É nessa hora, sobretudo, que o dirigente se torna essência, pois a ele cabe coordenar e administrar com bases nas aspirações da comunidade escolar (LIBANEO,2004, p.10).

O eixo políticas e gestão na educação possibilita a reflexão teórico-prática, norteada por valores democráticos, sobre as políticas de educação e organização dos sistemas de ensino no Brasil permitindo se conhecer o ordenamento jurídico-político no qual se assentam a educação e a escola, bem como os planos, programas, projetos que a elas se vinculam, a partir de uma perspectiva de produção do conhecimento. Espera-se uma postura investigativa que conduza a uma compreensão mais abrangente dos princípios e mecanismo da gestão democrática que implicam ações e decisões participativas e colegiadas, tanto no âmbito das unidades escolares quanto na organização dos sistemas de ensino.

Com a redução do papel do estado e as diretrizes de focalização e descentralização dos recursos, a lógica para se medir a qualidade da educação passou a ser empresarial, deslocando o foco da qualidade para a eficácia do processo, ou seja, conseguir o máximo resultado com o

mínimo custo. Nesse cenário, os indicadores de qualidade passaram a ser medidos por taxas de promoção comparação internacional dos resultados escolares, supervalorização da competitividade e da produtividade e novos métodos de gerenciamentos de sistemas educacionais. Nessa concepção, a qualidade é vista numa ótica econômica, caracterizando uma visão bastante restrita de educação de qualidade.

Ao se adotar uma perspectiva gerencial para as políticas educacionais, a sociedade e a educação são transferidas da esfera pública para a esfera privada. Assim, a qualidade consiste em seguir procedimentos corretos e apropriados para atingir determinados fins e não decidir, democraticamente, sobre os objetivos e finalidades da educação. A eficácia, a eficiência e a temática corretas precedem a discussão pública e democrática sobre os contornos da educação, da pedagogia e do currículo.

A busca pela qualidade da educação no Brasil não é algo novo, pelo contrário, é uma preocupação presente desde os primórdios da organização do sistema educacional é importante enfatizar que essa busca pela qualidade da educação assumiu configurações diferenciadas, a depender do momento histórico vigente no país. Dessa forma, a gestão democrática da escola básica deve procurar ampliar os espaços de participação para todos os usuários, no intuito de possibilitar maior controle das políticas e provimento da educação escolar em quantidade e qualidade.

A gestão da educação acontece e se desenvolve em todos os âmbitos da escola, inclusive e fundamentalmente, na sala de aula, onde se objetiva o projeto político pedagógico não só como desenvolvimento do planejado, mas como fonte privilegiada de novos subsídios para novas tomadas de decisões para o estabelecimento de novas políticas. (CATANI et al, 2009, p.309).

É necessário, portanto, que o gestor esteja devidamente equipado para criar e sustentar um ambiente que promova e incentive a participação ativa de todos, dando destaque á responsabilidade que possuem no bom desenvolvimento do processor educacional. O gestor é, portanto, na visão de Fortunati (2007), o coração e a alma da escola, pois ele tem papel central na manutenção e desenvolvimento da unidade de ensino e também na determinação do clima organizacional, emocional e intelectual da escola.

Em razão de todo o exposto, percebe-se que a escolha dos gestores requer muita responsabilidade. Quesitos como formação profissional e competência técnica, bem como capacidade de liderança e gestão, devem ser, portanto, avaliados. Se antes ela era feita por meio de nomeação, com frequência arbitrária, pelo governador ou prefeito, geralmente para atender a interesses político-partidários (Libaneo, 2004, p. 113), hoje ela é mais uma

prerrogativa da comunidade escolar e do sistema de ensino, que podem exercer-la via eleição via direta ou representativa, ou ainda concurso público.

Luck (2000) aponta algumas ações que podem ser adotadas por dos gestores para a criação deste ambiente participativo. São elas; a criação de uma visão de conjunto que promova uma ação de cooperação; o desenvolvimento de uma atmosfera de confiança entre os envolvidos; a valorização das qualidades do participante; a eliminação de divisões e busca por associação dos esforços de todos; a centralização nas ideias ao invés de pessoas para o estabelecimento da demanda do trabalho; e por fim, o desenvolvimento da pratica de assumir responsabilidades em conjunto.

O sucesso escolar está intimamente ligado ao bom funcionamento de toda equipe. Se o trabalho for harmônico, as metas serão alcançados e as necessidades supridas, sendo assim, é essencial que as instituições que ainda não atentaram para a importância do trabalho coletivo o façam, pois só assim, formaremos o cidadão que pretendemos, consciente de seus direitos e deveres, participativo e atuante na sociedade em que vivemos.

Evidentemente, em uma sociedade tão complexa quanto a nossa, a Escola reveste-se de uma importância capital, pela sua variedade, pela riqueza de seus recursos e por sua organização. Entretanto, o aumento da população escolar, o crescimento e a complicação da estrutura, como resultado das próprias exigências da sociedade, vão provocar uma série de problemas que vem se agravando e, se colocam a Escola em crise, clamam por soluções urgentes que a recolorem num compasso de desenvolvimento harmonioso.

A escola, portanto, instituição social da maior importância, vive, hoje, uma grave crise como consequência da própria crise em que vive a sociedade e o homem. Temos muitos profissionais capacitados e qualificados para estarem a frente de uma gestão escolar, por tanto encontrar no meio deles profissionais que tenham compromisso com a educação e que não estejam ligados nos seus próprios interesses, que vejam a escola como um todo, que a vitória de um é a vitória de todos, fazer uma gestão de qualidade colocando sua equipe em ação, são desses profissionais que precisamos para qualificar e dar sentido a educação.

No processo em busca da democratização da escola e de sua gestão, o gestor, como visto, tem papel fundamental, pois deixa de ser aquele que resolve tudo sozinho, para mediar de forma dinâmica as decisões tomadas pelo grupo. Torna-se um articulador, que se preocupa com a interação entre as diversas áreas e os diferentes segmentos. O gestor deve ser um líder comprometido com a qualidade da educação e a principal ferramenta de seu trabalho deve ser o diálogo, pois a tomada de decisões autoritária não leva a reflexão e a democratização social como se pretende. O gestor que sabe dialogar, tem nos diferentes segmentos escolares seus

aliados, parceiros na construção da educação que queremos, é capaz de incentivar e unir esforços em prol do bem comum: a aprendizagem de todos os alunos.

3. Contribuições para o processo de construção da leitura e escrita

Do ponto de vista do ensino, esse enfoque de alfabetização pressupõe, entre outras coisas, o reconhecimento da capacidade da criança para participar da organização das atividades escolares, observando e vivenciando o uso social da leitura e da escrita em situações reais de comunicação. Na prática, tanto os objetos e os encaminhamentos das atividades, como a avaliação devem ser revistos, bem como o papel do professor nesse processo. A ele cabe oferecer apoio e desafios adequados nos momentos em que as crianças interagem com a escrita e a leitura.

Segundo Charlot (2003), o sucesso no aprendizado vincula-se à correspondência entre a busca de compreensão do mundo que a criança empreende e o que os estudos lhe proporcionam, ou seja, a correspondência entre o sentido que o aluno atribui a sua participação no trabalho escolar e o sentido que a escola atribui a seu próprio trabalho.

O ensino depara-se com o desafio de desenvolver práticas favoráveis a compreensão e a aprovação do mundo letrado e de seus procedimentos pelas crianças, inclusive por aquelas que, até chegam a escola, tiveram poucas experiências com esse mundo. Nesse processo emerge a necessidade de organizar, aulas, dispositivos pedagógicos que incluam a interação com a escrita desde o início da escolaridade.

Em análise da problemática que envolve o ensino aprendizado se tem uma ideia de motivação para um novo aspecto para esse processo de construção da aprendizagem, e colocam injunções ao trabalho escolar:

- propiciar a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades curriculares;
- viabilizar o processo de aprendizagem para todos os alunos;
- propiciar de fato o desenvolvimento dos conhecimentos básicos de leitura e escrita no início do ensino fundamental;
- adotar medidas para assegurar a continuidade do processo de aprendizagem;
- incluir experiências reais, vividas pelos alunos no trabalho pedagógico;

- articular a educação infantil com o ensino fundamental;
- projetos de leitura e escrita, como propostas de recurso para o trabalho pedagógico.

Essas providencias por parte da escola tem como correlato o envolvimento dos alunos e de seus familiares no processo educacional, o que por sua vez coloca em jogo o enfoque dado pela escola as necessidades afetivas e sociais dos alunos e as peculiaridades cognitivas que eles manifestam em suas interações com os objetos estudo.

Entende que a maneira do sucesso escolar expõe para os interessados em educação importância da seleção de orientações pedagógicas que levem em consideração o sentido que o aluno atribui a escola, que possibilitem captar esse sentido e viabilizem o fortalecimento das suas ligações com os saberes e o compromisso com o seu próprio aprendizado.

Como a pedagogia de ensino não tem receita pronta, os procedimentos dos professores e da equipe pedagógica tem que construir maneiras que facilitem o interesse o aluno no seu processo de aprendizagem. Por parte dos professores é importante que tenham:

- a vontade de sair da mesmice, de experimentar novas práticas;
- a busca de diálogos com os pais sobre suas expectativas profissionais e sobre estratégias para a ação pedagógica;
- a busca de alternativas diante de uma classe que apesar de avançar na escolaridade ainda não sabe ler, nem escrever;
- a vontade de desenvolver a própria formação;
- a necessidade de encontrar modos de agir com classes indisciplinadas;
- a vontade de vivenciar o enfoque da própria prática segundo a perspectiva das teorias pedagógicas.

Muitas vezes, para mudar, basta começar. Tais procedimentos estimulam todos a fazerem novas leituras de sua realidade de trabalho, a ver com outros olhares o cotidiano escolar, a traçar novas perspectivas de trabalho com os seus alunos, a analisar de modo diferente os seus problemas, as suas dificuldades e a ressaltar as suas possibilidades.

A escrita e a leitura sempre se deo em um contexto relacionado as experiências das crianças, que se viam como sujeitos de suas relações sociais e, portanto, sujeitos de sua relação com o mundo. Os sujeitos, sendo históricos e inacabados, iam se constituindo nas relações sociais e culturais em meio ao processo de ensino aprendizagem. Tal processo se

manifesta em diálogo, por meio consciente e crítico com relação a realidade em que vivem (Freire, 2001 e 2006).

Projetos de leitura, piquenique literário, aniversário do alfabeto, rodas de conversas, bingo, jogos e entre outros fazem parte de uma construção concreta da aprendizagem lúdica e eficaz no processo de alfabetização. Repensar o conceito sobre o método da aplicação dos conteúdos propostos pelo sistema, e da qualidade as aulas de forma lúdica é torna os dias letivos favoráveis, no desperta pelo gosto da leitura e da escrita no ensino aprendizagem.

O momento melhor do professor é justamente quando ele começa a sentir que pode ficar a margem. Quando ele passa a ser um espectador privilegiado. Continuando professor, consegue evitar que sua presença e seu papel institucional interfiram na espontaneidade e naturalidade da relação entre as crianças nas atividades ampliando sempre mais leques de opções. Somente nesse sentido é que se pode dizer que o professor se torna um outro entre as crianças.

As crianças aprendem desde o momento em que vem ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa ela aprende quando seu pai dá-lhe uma chance para trabalhar com pregos e martelo, quando acha necessário verificar o preço de um equipamento expositivo num catalogo ela aprende com objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente, quando existe um exemplo, um modelo a ser seguido. (RODRIGUES et al., 2003 p. 238).

A melhor forma de aprender continua sendo o exemplo, o modelo, pois o educando tem o olhar sensível a tudo que está ao seu redor dessa maneira o imitar continua sendo a melhor forma de aprender tudo no mundo amplo da leitura e da escrita.

Considerações Finais

No desenvolver desse trabalho, analisou-se que ler e escrever não significa apenas codificar códigos, conhecer as formas das palavras e memorizar todas as letras do alfabeto, como também, não é apenas montar palavras para desenvolver a escrita em uma folha de papel. O ato de ler é muito mais importante do que se imagina, certamente o ler é abranger os mais diversos horizontes, as mais diversas culturas sociais na busca de conhecimento qualitativos, críticos e sobretudo ampliados.

Sobre o tema abordado remeteu-se a compreender a dificuldade da leitura e da escrita, também a importância da gestão escolar nesse processo de aprendizagem dos educandos. Observou-se, que há de fato muitas dificuldades enfrentadas pelos professores e pelos alunos no processo de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, desde então, a escola juntamente como a equipe escolar, tem promover estratégias concretas e significativas no desenvolvimento gradativo e qualitativo da leitura e da escrita.

A gestão escolar junto com sua equipe não podem esquecer da importância do processo de alfabetização, e ter esse trabalho voltado para a realidade dos educandos. Nos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças necessitam de um direcionamento maior do professor, de uma mediação comprometida com a realidade e o ensino-aprendizagem da mesma, a importância da família dos educandos na escola é de fundamental importância no ambiente escolar. Neves (2000, p.52) diz:

A escola tem obrigação, sim, de manter o cuidado com a adequação social do produto linguístico de seus alunos, isto é, tem de garantir que seus alunos entendam que tem de

adequar registros, e ela tem de garantir que eles tenham condições de mover-se nos diferentes padrões de tensões e de frouxidão, em conformidade com as situações de produções.

O professor de fato deve trabalhar a prática da leitura e da escrita em sala de aula de forma integrada, isto é, estar em constante interação com as diversas realidades existentes. As crianças já trazem de casa uma leitura de mundo que na escola deve ser aprimorada competentemente de maneira formal as letras do alfabeto, jogos alfabéticos, livros ilustrativos entre outros para que tudo seja favorável no despertar pela escrita e leitura.

O tema bordado contribuiu de maneira significativa na compreensão das dificuldades que cercam o processo de leitura e escrita das crianças, onde a pesquisa pautada em objetivos gerais e específicos. Conclui-se, que a prática docente tem que realizar de maneira mais comprometida com as necessidades e as diversas realidades dos alunos, utilizando de metodologia concreta e eficaz para que os estudantes não sejam prejudicados.

Todo trabalho voltado para a qualidade da educação depende da vontade e decisão de quem está a frente, tentando de fato, formar os alunos para serem leitores e escritores competentes, que eles sejam capazes de compreender realmente a sociedade em que estão inseridos através da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

ALIENDE, F. (Org.). A leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996

CURY, C.R.J. A Gestão Democrática na Escola e o Direito a Educação. Revista de Política e Administração da Educação. Rio de Janeiro, 2007

FREIRE, Paulo. Família e escola: Em busca da formação do leitor. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. Com todas as letras.4. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, N. S.C. Gestão Democrática da Educação para uma Formação Humana. Brasília, 2000

FORTUNATI, José. Gestão da Educação Pública: Caminhos e desafios. Porto Alegre: Artemed, 2007

GOULART, Cecília. Letramento e modos de ser letrado. Revista Brasileira de Educação, 2002

JOLIBERT, J. Formando crianças leitoras. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004

LIMA, Jozina Pires de Araújo. Gestão Democrática na escola uma estratégia de prazer no trabalho. Brasília 2001

LUCK, Heloísa. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto a formação de seus gestores, Brasília: Em Aberto, vol 17, nº72, 2000

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da escola: Teoria e Prática.5º Ed, Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

PINTO, J.M.R. A Política recente de fundos para o financiamento da educação e seus efeitos.2007

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara,1995

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para aprender e sentido da aprendizagem. São Paulo, Ática, 1998

VYGOTSKY, L.S. LURIA, A.R, LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.7.ed. São Paulo, Ícone, 2001

ANEXO



Foto 01: A Mala Viajante



Foto 02: Hora de Aprender com Bingo de Palavras



Foto 03: Participação da Família na Escola



Foto 04: Roda de Conversa



Foto 05: Descobrimo as Palavras



Foto 06: Roda de Leitura



Foto 06: Piquenique Literário com a turma da Ed. Infantil



Foto 08: Piquenique Literário



Foto 09: Aprendendo Receita de Bolo



Foto 10: Hora da Receita Bolo de Chocolate



Foto 11: O Aniversário do Seu Alfabeto das turmas do 1º e 2º anos E.M. Júlia Figueiredo



Foto 12: Parabéns do Seu Alfabeto com 1º e 2º ano



Foto 13: O Aniversário do Seu Alfabeto